

EA, SABERES TRADICIONAIS/ALTERNATIVOS

ISSN: 1887-2417
ISSN-e: 2386-4362

Saberes culturais e suas repercussões no uso dos recursos naturais

local cultural knowledges and its impacts on the use of natural resources

Maria das Graças da Silva. Universidade do Estado do Pará (Brasil)

Resumo

O presente trabalho resulta de um estudo sobre um conjunto de práticas socioculturais que informam o cotidiano de uma comunidade insular, cuja existência de uma territorialidade ancestral se efetiva por meio de uma diversidade de saberes culturais locais. Visa o conhecimento, a compreensão desses saberes que são construídos e/ou vivenciados no cotidiano de homens e mulheres na sua relação com a biodiversidade. Assume como pressuposto que a maioria das comunidades rurais-ribeirinhas no contexto da Amazônia paraense, embora enfrente cotidianamente uma realidade marcada por condições adversas, constrói na relação com a natureza, estratégias sociais que garantem sua reprodução material e simbólica. Orientou-se pela seguinte questão-contexto: Como se estabelece a relação entre os saberes locais que dinamizam as práticas sociais cotidianas de uma territorialidade ancestral e os processos de apropriação e uso de recursos naturais e que efeitos têm para efetivação de perspectivas mais sustentáveis localmente e valorização da biodiversidade? Abrange a Ilha de Colares, um típico lugar da Amazônia paraense, cuja pluralidade identitária acolhe marcas singulares de lugares pré-definidos pela existência de mangues, matas, igarapés, rios, no estado do Pará. Utilizou procedimentos da pesquisa sócio-histórica, como a narrativa com o uso da entrevista semi-estruturada. Fundamentase teoricamente em fontes de estudo que tratam e refletem sobre as possibilidades da construção de novas epistemologias, que deem conta dos saberes e práticas culturais locais. Os resultados dão conta de uma série de problemas socioambientais; da preocupação local com a manutenção de boas condições ambientais; de um vasto conhecimento de usos de plantas e ervas medicinais, dentre outros. Conclui-se que pautados em saberes locais desenvolvem práticas socioambientais que buscam dar sustentabilidade local e continuidade aos seus modos de vida e costumes.

Abstract

This work is the result of a study on a set of sociocultural practices that informs the daily habits of an insular community, in which the existence of an ancestral territoriality effects by means of a vast diversity of local cultural knowledge. It aims for the understanding of this knowledge that is built and/or experienced in the everyday experience of men and women with biodiversity. It admits as an assumption that the majority of rural and riverside communities in the context of the Pará Amazon, although facing a daily reality full of adverse conditions, builds in its relationship with nature social strategies that assure its material and symbolic perpetuation. It took guidance by the following questioning-context: How does is it possible to establish the relationship between the

local cultural knowledge that streamlines the everyday social practices in an ancestral territoriality and the processes of appropriation and use of natural resources and the how its effects impact the effectuation of more local self-sustainable alternatives and valorisation of the biodiversity? It comprises the island of Colares, a typical place of the Pará Amazon, whose plural identity embraces singular marks of places predefined by the existence of mangroves, forests, igarapés, rivers, in the Pará State. It utilized the procedures of the socio-historical research, such as the narrative with the use of the semi-structured interview. Its theoretical fundaments lie on sources of study that treat and reflect about the possibilities of the construction of new epistemologies accounting to comprehend the knowledge and local cultural practices. The results account a series of socio-environmental problems; the local concern with the maintenance of good environment conditions; a vast knowledge of use of medicinal plants and herbs, among others. Its conclusion says that, guided by local knowledge, it is possible to develop socio-environmental practices aiming to provide local self-sustainability and continuity to its habits and ways of living.

Palavras chave

Saberes locais, territorialidade ancestrais, comunidade insular, biodiversidade

Key-words

local cultural knowledge, ancestral territorialities, insular community, biodiversity.

Introdução

Os saberes do cotidiano estão imbricados num movimento que estimula, cria e recria a prática sociocultural estabelecida por um determinado grupo de pessoas que se assemelham
 CERTEAU, 2012

As reflexões aqui sistematizadas estão associadas à pesquisa “Diálogos de saberes: processos educativos cotidianos e práticas docentes, que analisa uma diversidade de saberes (ambientais, brincar, poéticos, religiosos, pedagógicos), que foram revelados pela memória oral de seus narradores, moradores do município de Colares, ao se referirem sobre um conjunto de práticas socioculturais e modos de vida que vivenciam cotidianamente em suas territorialidades, no contexto da Amazônia paraen-

se. Neste texto destaco como objeto das análises fragmentos de saberes culturais no campo ambiental.

Dessa forma, o seu foco de análise volta-se para os saberes socioambientais locais de sujeitos históricos, que residem no município de Colares, estado do Pará. O pressuposto é o de que na vivência do cotidiano, enquanto um dos espaços do fazer social de longa data, na convivência e relações que homens e mulheres estabelecem entre si e com o mundo natural, os acontecimentos conformam um sistema de conhecimentos e saberes, que são produzidos historicamente e ordenados culturalmente, de diferentes modos, de acordo com os sistemas de significações que lhes são atribuídos, e que dão conta de determinadas singularidades cultural e estrutural da sociedade contexto. Um desses saberes práticos configura-se no que

denominamos neste trabalho de saberes ambientais locais, construídos historicamente no contexto da relação direta que esses homens e mulheres estabelecem com a natureza, atribuindo-lhes sentidos, dentro dos quais, o de campo de memórias e de experiências, onde por meio de ações criativas constroem seus projetos, conformam suas culturas, reproduzem-se socialmente por meio de um fazer peculiar de apropriação e uso da natureza, cujos depoimentos mostram uma (re)atualização do experienciar essa apropriação e uso.

Visa analisar percepções, processos e práticas socioeducativas e simbólicas que foram possíveis apreender nas narrativas dos moradores que compartilharam suas histórias, ao tratarem do seu cotidiano e de seus modos de vida. Uma série de percepções, experiências que revelam aproximações e valorização, temor ou até mesmo formas de dominação da natureza, conformam suas memórias, que revelam saberes diversos, dentre os quais, os saberes ambientais, que neste trabalho assume o status epistemológico de categoria de análise.

Para a apreensão e interpretação desses saberes e experiências trazidos e compartilhados por meio das memórias orais, utilizou-se as narrativas de moradores que foram incorporados na pesquisa na condição de participantes narradores, por considerar significantes seus depoimentos e tratar-se de seres humanos que constru-

íram, nas suas (com)vivências e relações com a natureza, um conjunto de dados que foram ao longo do tempo, ancestral ou não, transformados em experiências, e hoje se traduzem em saberes e conhecimentos práticos a respeito de diversas relações e práticas, dentre elas, as questões socioambientais, num movimento contrário ao paradigma da ciência moderna, que subsume e silencia essas formas de conhecimentos.

A escolha pela narrativa como procedimento metodológico deve-se ao fato dela possibilitar compreender e traduzir os significados do complexo universo das práticas socioculturais articuladas com a experiência pessoal. TRISTÃO (2013) define as narrativas como construções culturais e produção de sentidos nas pesquisas de campo, que podem ser *“compreendidas como acontecimentos, eventos, ações, experiências que expressam o enredo do vivido dos saberes produzidos e subjetivações articuladas com base em interações com o meio ambiente por meio de expressões socioculturais”*. Por essa perspectiva, revelam visões de mundo, forma de percepções, teorização sobre o mundo, uma aproximação entre as palavras e as coisas.

Trata-se de saberes socioambientais procedentes do território de Colares, que podem fazer parte de uma rede de convergência de saberes, já que são conhecimentos que buscam contribuir de forma estratégica para a realização de um esta-

do de sustentabilidade ao ambiente amazônico, apoiado por diferentes formas culturais, já que as práticas culturais podem ser alteradas historicamente nas ações.

Portanto, a sistematização das reflexões sobre um conjunto de saberes ambientais locais reforça a possibilidade que se tem de se construir uma nova história sobre o pensar, e uma epistemologia que influencie a construção de outras perspectivas de desenvolvimento, capaz de promover a efetivação de práticas socioambientais, dotando ao cotidiano dessas comunidades de possibilidades de sustentabilidade, a partir do diálogo de saberes entre as diferentes formas culturais.

Notas para configurar o lugar colarense

Natureza, espaço e diversidade cultural formatam os processos de organização socioterritorial de Colares. Essas categorias guardam relação com a sua localização geográfica, na microrregião do salgado, no nordeste do estado do Pará. A Ilha de Colares, um típico lugar da Amazônia paraense, cuja pluralidade identitária acolhe marcas singulares de lugares pré-definidos pela existência de mangues, matas, igarapés, rios, dentre os quais se destacam o rio Tupinambá e os igarapés Chácara, Arari, Boca larga que deságuam

no Atlântico, além da proximidade com este Oceano.

Neste texto a ideia de lugar está associada tanto a sua dimensão físico-geográfica, como aos seus aspectos socioculturais. Dessa forma, Colares configura-se como *“um lugar [que] é organizado por uma série de procedimentos denominado de estratégias”* (CERTEAU, 1994). De acordo com DINIZ (2012), o lugar é criado a partir de laços afetivos e amorosos com os espaços físicos, é ponto de construção de subjetividade. Portanto, o lugar decorre de relações sociais e sentimentais fundadas com os ambientes.

Qualquer lugar vivido e imaginado *“possui um vasto manancial simbólico [...] com os seus espaços de culto, os seus altares e, inversamente, os seus interditos”* (LOPES, 2001, p. 181). A percepção e uso local ou externo dos mananciais materiais e simbólicos e de seus potenciais socio-culturais, ambientais, linguísticos, passam necessariamente por processos de identificação e visibilização de algumas das suas características e de esquecimento ou desvalorização de outras. Processos que guardam relação com a história do lugar, embora nem sempre usadas para a construção mais ampla de um imaginário atrativo de pertencimento.

A formação vegetal e os aspectos, hidrográfico, vegetação acrescidos das temperaturas úmidas típicas do ambiente

com índices pluviométricos elevados e regulares que predominam na Ilha de Colares, certamente foram decisivos para o estabelecimento dos meios e modos de vidas que os moradores deste município construíram com esse lugar, por meio de uma produção socioeconômica baseada no extrativismo do açaí, da produção de policulturas (IDESP, 2012), além da pesca, prática de significativa importância local e para a reprodução social e material dos municípios, e também para o uso de algumas práticas de produção econômica perniciosas ao ambiente amazônico, como é o caso da exploração madeireira para a produção do carvão vegetal e de lenha, aliás, práticas que culminaram no estágio em que se encontra atualmente o quadro de floresta do município de Colares, segundo dados do (IDESP, 2012).

Neste ambiente rico em biodiversidade, os moradores de Colares construíram uma singular identidade por meio de suas relações com a floresta e com as águas, usufruindo historicamente de seus recursos territorializados, por meio dos quais tem construído diversos conhecimentos e saberes, dentre eles, os ambientais, próprios de seu convívio cotidiano, que perfazem uma modalidade de educação para o ambiente sem livros, sem professores e distanciados dos conteúdos dos currículos institucionais, mas praticado cotidianamente por meio práticas de aprendizagem e processos cognitivos, voltados para a compreensão do mundo.

A perspectiva de reflexão teórica

As questões ambientais estão sendo abordadas por uma nova corrente de pensadores que trazem um novo olhar, sobre o tema, conforme (HISSA, 2008), esse novo olhar é um convite para se pensar um novo ser humano e uma nova vida, porém as questões ambientais demandam leituras transdisciplinares. Mais não é somente essa disposição de se construir um novo olhar sobre essa nova perspectiva que vai determinar a consolidação de uma nova epistemologia ambiental, essa condição apenas estimula o debate a reflexão de forma mais aprofundada, sobre o caráter da transdisciplinaridade, num momento em que as próprias ciências devam transpor seus limites (HISSA, 2008), e o ambiente precisa ser pensado como um território no qual convergem uma multiplicidade de saberes.

Diferente do saber técnico científico, as relações que grupos sociais rurais ribeirinhos estabelecem com os rios e matas são conformadas por saberes que estes sujeitos têm construído por meio de suas narrativas e oralidades, por relações que estabelecem um com os outros e com diferentes ecossistemas, ou seja, são saberes que são produzidos na vida cotidiana. Para além do empirismo ingênuo (POPPER,...), estes saberes por serem

construídos cotidianamente no exercício de suas práticas socioculturais, orientam e informam suas relações e conformam suas atividades produtivas. Como no dizer de GEERTZ (1997, p.16), *“homens e mulheres tem suas idéias e inscrevem o que pensam”*.

Os saberes ambientais que conformam uma diversidade de territorialidades de Colares fazem parte de uma rede de convergência de saberes, por tratar-se de conhecimentos que concluímos serem contributivos de formas estratégicas para a realização de um estado de sustentabilidade ao ambiente amazônico.

FURTADO et al.(1998, p.45) atribuem às territorialidades o sentido de espaços construídos em torno da moradia e das práticas produtivas, ou seja, refere-se ao *“espaço de viver cotidiano em que os grupos sociais se mantêm material e socialmente, em que eles se reproduzem por meio de suas estratégias organizativas e adaptativas fundadas nos ethos socio-cultural”*. Por essa perspectiva, territorialidade articula a idéia de identidade e de coletivo, porque tende *“a expressar uma certa coerência, o estatuto e a expectativa de indivíduos e grupos, definindo-se em função do outro...”* (TRINDADE JÚNIOR, 1998, p.35).

Conforme (SILVA, TAVARES, 2006), a compreensão das formas como esse tipo de comunidade estrutura suas práticas so-

ciais, estabelece relações com os recursos naturais e organiza-se socialmente, torna-se importante para uma aproximação dialógica entre saber constituído e saberes práticos e identificar outras possibilidades de relação sociedade e natureza a partir da contextualização da cultura local, que perfaz o ambiente vivido por essas pessoas.

De acordo com (SILVA, 2007), essa perspectiva de ambiente, com base na contextualização cultural, traz o entendimento de que os ambientes por eles construídos não são meramente expressão da natureza, já que esta se desdobra nos termos da cultura, numa forma que não é mais a própria formação natural, mais sim o que incorpora como significado. Como diz Marcos TERENA, a ciência do homem branco precisa conversar com a ciência indígena, neste caso em específico com a *“ciência dos colarenses”*. Essa conversa vai além de uma ideia das disciplinas científicas, porque é impossível a emergência de saberes ambientais tão singulares se a base da discussão for exclusivamente direcionada pelo paradigma científico, como já sabemos.

O exercício a ser feito, conforme (PELLIZZOLI, 2007), é ético e filosófico ao mesmo tempo, no sentido das perspectivas de horizontes de significados, de nova compreensão, de reflexão a partir de pontos de vistas diversos, mas que se encontram por caminhos inusitados e altamente profícu-

os. Pensamos que essa é uma perspectiva que se apoia na complexidade ambiental dos saberes calados ou interrompidos pelo paradigma científico moderno.

Porém, cabe lembrar que essa vertente que busca a construção do que LEFF denomina de outra racionalidade ambiental, ainda é nova dentro o meio acadêmico, ela encontra resistências nas leis de natureza do mercado que incorpora os discursos provenientes das problemáticas ambientais e ressignifica ao seu favor, unificando tal discurso em torno de uma mesma questão, as necessidades de crescimento econômico, sob a bandeira de sustentabilidade apoiada em soluções tecnicistas.

O conceito de sustentabilidade é assim um conceito com muita fama e pouco consenso, como coloca (CARVALHO, 2009), isso se deve é óbvio a diversidade de disputa sobre diferentes concepções de sociedade por variados segmentos da sociedade atual, cada uma medindo força conforme o poder que detém de unificar as formas discursivas (FOUCAULT, 2112) ao seu favor.

Nesse contexto, diversos usos do termo sustentabilidade ganham força nos meios midiáticos, que adotam frases e principalmente imagens de efeitos sobre populações tradicionais, como dos povos amazônicos, procuram enfatizar as riquezas naturais dos locais onde esses povos estão inseridos e as vantagens que esses

podem tirar se passarem a fazer parte da produção de mercado no sistema global de produção de mercadorias.

Interessante destacarmos, que a questão da discussão sobre saberes está em uso pelos diversos campos da mídia, temos aí a incorporação discursiva que tanto preocupava Foucault, de uma temática nobre do campo ambiental. Entretanto sabemos também da capacidade que os povos por meio de sua diversidade cultural, como diria CERTEAU, podem fazer uso desses procedimentos midiáticos e ressignificá-los. Porém os valores embutidos nos conteúdos discursivos da mídia massificada como sabemos contém um efeito que pode ser nefasto às culturas tradicionais.

Diante disso, como reflete (BOFF, 2008), não se trata de se fechar em mundos isolados e não consumir mais, a atitude em nosso caso acadêmica “deve” se antes de tudo compromissada politicamente com as vozes dos saberes calados pelo poder paradigmático da modernidade. Este compromisso precisa progredir em torno da formulação de uma proposta por uma nova forma de pensar, de ver e analisar o mundo não somente por meio da ciência, mas mostrar que existem outras vias e possibilidades de conhecimento e que a ciência é somente uma delas, ainda que esta seja muito importante e que os investimentos devam sim estar também mais não somente para ela.

A via de construção de pensamento encontra na produção acadêmica o seio nutritivo, mais somente isso não é suficiente, é preciso transpor seus muros fazer-se dialogar, mapear os saberes, contribuir para a discussão em comunidades tradicionais como as do município de Colares. É preciso que estas próprias pessoas compreendam que são portadoras de conhecimentos estratégicos e, portanto, de grande importância para a criação da nova racionalidade ambiental.

Leff em sua discussão a respeito da complexidade ambiental, diz que essa é uma discussão que está apenas iniciando, é o que já sabemos a tarefa mesmo de discussão e reflexão é ardorosa, porque estamos viciados em nossas velhas concepções de ambiente, natureza carregadas de representações que evocam a preservação, o uso sustentável de seus recursos e as soluções técnico-científicas para a solução das crises ambientais.

Santos considerou que

podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante a uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual, são entre outras, a unidade técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o capital se apoia para a construção da globalização perversa. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros

objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos (SANTOS, 2012, p. 20).

O conjunto de saberes ambientais locais reforça a possibilidade que se tem de se construir uma nova história, de um outro saber-fazer voltado para uma perspectiva de desenvolvimento que promova a sustentabilidade no cotidiano dessas comunidades, a partir do diálogo de saberes entre as diferentes formas culturais.

Saberes ambientais local: culturas e práticas

Mais do que sabedoria, no município de Colares os saberes ambientais configuram-se como um campo de prática culturais. Eles dão sentido às particularidades dos lugares, nos quais vivem pessoas que lidam, muitas delas, com as mudanças do tempo-espço de forma saudosa. Elas tem a noção do senso de deslocamento das práticas sociais, ao identificarem nas suas narrativas, a presença de importações culturais (instalação de outros equipamentos, poluição, devastação, uso de práticas produtivas predatória dos recursos naturais, dentre outras), que vem promovendo mudanças na paisagem dos lugares, com os quais conviveram cotidianamente, conforme pode-se perceber na fala do seu Heriberto: “*é uma pena que tão destruindo cada vez mais. Os animais que*

compõem a fauna, estão sendo extintos” (HILBERTO FREITAS, 2011).

Alguns narradores percebem que hoje a Ilha de Colares vive um tempo bastante diferente de outrora. A maioria de seus moradores passou a incorporar o consumo de produtos introduzidos pela dinâmica do capital, por exemplo, substituíram a batata doce, a macaxeira por pão francês; o caldo de cana usado para adoçar por açúcar refinado; café cultivado e torrado em casa por café beneficiado industrialmente; nescau em substituição ao “chocolate” feito com caroço de cacau nativo, charque em vez de um peixinho fresco, fígado na hora, conforme indica a fala de um narrador aposentado.

O café que a gente bebia era torrado [...] tinha muitos nos quintais das casas, por isso que eu tô dizendo que não plantaram mais, mas tinha no próprio terreno das casas, tinha árvores de café” (Depoimento de HILBERTO FREITAS, 2011).

A geografia das relações sociais do lugar mudou. Aquele universo particular em que se constituíam as relações de homens e mulheres entre si e deles com a natureza, e que davam especificidades ao lugar colarense de outrora, não mais se encontram entrelaçados da mesma forma na dinâmica dos lugares. O que indica que as interações sociais que informam as paisagens, os lugares, as territorialidades, são parte de um processo social de construção dos espaços, portanto, não estáticas. O con-

sumo material, visual, simbólico do espaço se altera com o tempo. Daí a relevância dos registros históricos, fruto da história oral, das narrativas, posto que existem novas formas de organização orientadas por novas formas de relações com a natureza e apropriação cultural.

Ainda assim, apesar de evidentes etnocentricidade urbana na dinâmica do tempo-espaço do lugar, elas não deixaram obscurecer o senso que muitos narradores tem do espaço e do lugar de outrora e das experiências de uso e/ou percepção do seu espaço, a ponto de se sentirem “fora do lugar”, de sentirem saudades das “coisas simples”. A fala do seu Hilberto assume esse tom saudoso.

O cacau, um dia desses eu vi [...] Aí vieram de lá (algumas pessoas de sua família), trouxeram cacau, o que eles fizeram: chuparam o cacau e jogaram fora o caroço. Naquela época não, não. Ela [a sua mãe] lavava aquele cacau, ou então mesmo que chupassem botava no sol pra secar e fazer chocolate, socado de novo, tá entendendo? Aí rala e faz chocolate. O meu Deus é uma beleza! É outro sabor.” (Depoimento de HILBERTO FREITAS, 2011).

Os grupos locais se relacionam de forma diferenciada daqueles que chegam ou passam pelos lugares de Colares, ou seja, a mobilidade é diferenciada, assim como, a pluralidade cultural.

No contexto das várias mudanças percebidas e/ou experimentadas, o sentido do “lugar Colares”, na perspectiva do olhar local, parece rompido. Há subtendido nas narrativas um sentimento de vulnerabilidade, um desejo de exumação de heranças culturais que estão se perdendo, de ressignificar os lugares, de tomá-los como fonte de identidade, de escapismo da dinâmica do real concreto.

As mudanças no tempo e no espaço geram insegurança em alguns, cujas narrativas demonstram desejos de manter laços de algum tipo com o lugar de origem, com fragmentos que deem conta desse tempo-espaço do passado. Com essa expectativa, nutrem sentimentos e relações na tentativa de manter as singularidades do lugar.

Essas singularidades assumem para alguns, enorme valor afetivo, cujas lembranças imediatas informam e conformam lugares reais, embora, com certeza, não sejam partilhadas por todos. Esses lugares reais aparecem em formato de uma diversidade de ambientes: de afeição, de memórias, de fatura, de refúgios infantis, de brincadeiras, de encantamentos, de encontro e/ou de conflitos, de trabalho. Portanto, ambientes inscritos e/ou que conformam identidades múltiplas.

Essa percepção infere que o lugar Colares não acomoda uma comunidade identificada no sentido homogêneo, há interesses religiosos, políticos, ambientais, culturais,

étnicos, que atribuem diferentes sentidos e conformam uma diversidade de saberes sobre esse lugar, em consonância com os espaços nos quais as pessoas ou grupos familiares se edificam e/ou movimentam.

Dessa forma, a identidade territorial de Colares é um mosaico formatado por diferentes espaços, ambientes que dão configuração à territorialidades que sofrem mudanças no tempo-espaço.

A compressão do tempo-espaço ainda não foi suficiente para distribuir riquezas e retirar comunidades rurais-ribeirinhas, insulares de condições sociais diferenciadas de transportes, acesso ao atendimento de saúde, de habitação (incluindo a questão do saneamento básico), tratamento de água potável, cujos saberes locais logram buscar alternativas nos recursos naturais e nas crenças.

Significado e uso da natureza: mudanças na paisagem do lugar

Machadinho [o nome do lugar que morava seu Moisés quando criança] era por causa de uma ponta de pedra que ali ela tinha e formava o formato de machado. A gente vivia por lá brincando, era limpo, todo lindo, uma coisa assim que hoje em dia ficou só na recordação (Moisés Cardoso–Pescador, 2011).

O texto acima evidencia o tom saudoso de seu Moisés CARDOSO, um pescador de Colares, ao falar o nome de Machadinho, lugar onde viveu sua infância. É possível perceber não só o sentido que o lugar assume nas narrativas deste sujeito, como também as mudanças tempo-esaciais nelas inscritas. Suas percepções acerca das mudanças na produção e reprodução das suas vidas cotidianas estão pautadas nos elos que construíram com esse espaço vivido, que embora comprometida pela ação do ser humano, deixou suas marcas inscritas na memória ou em nomes de lugares.

Aqui, umas das coisas mais importante que tinha antigamente, hoje ela foi devastada, mas ainda tem, ainda existe, é conhecido aqui como Machadinho [...]. Mas o Machadinho mesmo são simplesmente umas pedras que tem aqui sabe, então esse aí o ponto turístico que o pessoal vem, todo mundo que vem pra conhecer Machadinho (MOISÉS, 2011).

Percebe-se que Machadinho contém não só uma natureza constituída por meio da vivência e das brincadeiras, cuja aprendizagem dos traçados e refúgio, de acordo com a memória de seu Moisés, se faziam na ligação imediata com a natureza, como espaço vivido, e hoje mediam sua história com a história do próprio lugar, como reflexo da forte identidade que tinham com ele. Também pelo sentido e configuração cultural, serve de atração turística, é nome de praia, de bairro.

Nas narrativas de seu MOISÉS (2011), as lembranças dos tempos passados dão conta, dentre outras coisas, da paisagem do lugar. Nesse aspecto, enfatiza suas qualidades, dentre elas, a limpeza e belezas de que era portadora. E ao ressaltar que “hoje ficou só na recordação”, fica nas entrelinhas a diferenciação que hoje o lugar apresenta.

Assim que era a ilha antes, uma ilha muito conhecida, e tinha uma arvore de jenipapo que ela nunca crescia. As árvores eram assim, parece que nunca cresciam, mas uma árvore de jenipapo lá que era uma coisa, todo mundo ia, todo dia que você ia tinha uma fruta lá debaixo amarela boa de comer. Era uma atração quando eu era garoto, a gente vivia muito por lá brincando, era limpo todo lindo, uma coisa assim que hoje em dia e, ficou só na recordação pra quem viu e não tem mais. Hoje ainda o ponto de referência é a praia do Machadinho.

Dona Terezinha, uma professora leiga, já aposentada, pautada em suas relações de pertencimento, ressalta a percepção de mudanças pela ação antrópica, cuja lógica utilitária compromete não só a estética da paisagem, como o seu desaparecimento. Evidencia, por exemplo, a degradação do ambiente, pela prática do desmatamento.

Esse nosso colares era muito linda. Nessa estrada que nos leva até a balsa, eram muitas árvores... árvores de século e ninguém mexia. Hoje, você anda e não vê quase mais aquelas árvores [...] porque

não tem mais respeito pelo presente de Deus, que é a natureza (Depoimento de D. Terezinha, 2011)

Por meio da fala do seu Heriberto FREITAS, um serrador e cozinheiro, podemos constatar que essa relação entre natureza, espaço e tempo, se dá também conforme a formação das territorialidades, a história de organização das comunidades. É com base na vivência ou convivência com o processo de formação dos territórios, construção do lugar de moradia que os narradores percebem com nitidez como foi se dando as mudanças na paisagem do lugar:

Aqui quando eu vim pra cá não era rua, era um caminho, aí depois que foi chegando mais gente pra cá, aí o pessoal foi fazendo casa. A Laura (o lugar que morava) era tudo bonito [...] tinha igreja de São Miguel, tinha festa todo 29 de setembro (Depoimento de HERIBERTO FREITAS, 2011).

Seu Manoel CARVALHO ao se referir aos modos como as crianças da época dinamizavam suas brincadeiras, evidencia a relação direta que estabeleciam com a natureza e dá conta de uma compreensão da indissociação do ser humano e natureza:

Todo mundo brincava de boi desde criancinha. Pegava a fofoia do coqueiro aí fazia o boi [...] A gente ia lá no mato, tirava umas árvores de anain [...] aí dele a gente fazia o instrumento (Depoimento de Manuel CARVALHO, 2011)

Verifica-se a existência de um saber apreendido do e por meio da sensibilidade que estas pessoas conseguiram extrair do ambiente a que pertenciam, ou como no dizer de LEFF (2010, p. 97), “saberes que foram sendo construídos no processo de coevolução das culturas com suas naturezas, com seus territórios e seus mundos de vida”.

As lembranças relacionadas aos meios e modos destas pessoas conseguirem os alimentos consumidos no dia a dia, também fornecem uma boa compreensão sobre as mudanças no espaço e no tempo do ambiente do território colarense. Estas lembranças vieram à tona, quando os narradores foram estimulados a falar a respeito das mudanças temporais na paisagem local, conforme pode-se perceber em algumas narrativas:

O dono (quem tinha café plantado) cata-va, botava o café no sol e depois ia torrar na lenha, nada de gás, era na lenha. Aí torrava e depois ia socar no pilão, pilão que a gente não vê mais (Depoimento de HILBERTO FREITAS, 2011).

O café que a gente bebia era torrado. Comprava café em grão. Ainda existia. Aí torrava, e tinha muitos nos quintais das casas, por isso que eu tô dizendo que não plantaram mais, mas tinha no próprio terreno das casas, tinha árvores de café (Depoimento de Hilberto FREITAS, 2011).

Estas narrativas evidenciam uma valorização e um saber aproveitar a natureza para

produzir seus próprios alimentos e que se constitui em um dos saberes ambientais locais, o saber da produção alimentar, como uma prática desenvolvida em família ou entre famílias, num constante diálogo de seres, saberes e natureza.

Trata-se de um saber constituído a partir da relação que as pessoas desenvolviam com seu mundo natural naquele município, fruto de uma educação própria sem livros ou professores, uma educação prática que era capaz de desenvolver saberes ambientais práticos, que somente eram possíveis porque existia uma constante leitura, compreensão e aproveitamento adequado da natureza e do espaço local.

Significar a natureza a partir do seu próprio mundo aproxima-se do que LEFF (2010) denominou de “ser da ecologia da vida”, ao inferir que “a natureza não é um conjunto de recursos naturais coisificados e fragmentado, mas uma natureza que com sua vida sustenta vidas, assegurando condição existencial ao ser humano”, cuja relação é definida por seus saberes, as visões de mundo e práticas culturais.

De acordo com seu MOISÉS, a sobrevivência de grande parte da comunidade local, é garantida graças aos recursos da natureza.

Aqui, a maior parte aqui pra nós por enquanto pra consumo, e farinha tudo é pra consumo nosso, é muito difícil a gente vender. E aqui açai se a gente

apanha é mais pra consumo, a gente não trabalha com venda por enquanto, tenho esperança no futuro ainda né. No momento agora a gente tá vendendo alguns cupu, tem um bucado, caí avor-tado a gente não consome tudo, não tem só esses tem uns pra lí, a gente tem bacuri, aí a gente já vende que a gente não consome tudo. Em primeiro lugar é o consumo.

Percebe-se que a apropriação e o uso dos recursos da natureza assumem o sentido de “sobrevivência”, de vida, de compartilhamento, sem preocupação com sua mercantilização. Viver em regime de comunhão de bens com a natureza é não estar pautado por uma lógica de mercado e de consumismo exacerbado.

A partir das reflexões de FONSECA; NAKAYAMA (2010), que indicam como pressuposto que a cultura constitui os elementos indenitários do ser humano, consideramos nessa análise que foram às situações cotidianas que geraram os saberes e fazeres e dizeres dos moradores colareses, na Amazônia Paraense. Nessa perspectiva, a produção local dos alimentos denota a importância de um conhecimento tradicional, capaz de garantir de per si a segurança e a sustentabilidade alimentar da época, como era o aproveitamento dos carroços do cacau para produzir chocolate, de forma artesanal; do café plantado no próprio quintal, uma prática culturalmente sustentável.

A ideia de sustentabilidade, neste trabalho, está apoiada no pensamento de LEFF (2010), para quem:

A alma de uma nova economia humana precisa ser os valores culturais. Cada cultura dá significado a seus conhecimentos, a seus saberes, a sua natureza, recriando-a e abrindo o fluxo de possibilidades de reza [...] significa desconstruir a globalização unitária guiada pelo valor de mercado, para construir uma globalização orientada pela diversidade de possibilidades de recriação produtiva dos povos com 'suas naturezas' (LEFF, 2010, p. 91).

A reprodução da vida material era engendrada de forma quase integral na relação direta que os sujeitos estabeleciam com a natureza, fazendo usos alternativos do que ela dispunha em termos de recursos, em contraposição à lógica e racionalidade do mercado, que impõe suas mercadorias ao consumo e conforma os hábitos alimentares. Uma das narrativas evidencia essa relação que sustentava práticas culturais locais e a própria existência social das comunidades.

tinha ocasião que acabava o açúcar, não tinha açúcar, não tinha certa coisa [...], então de manhã, a gente tava era bebendo vinho de tucumã. Não tinha farinha, não tinha pão, não tinha leite, somente da mãe da gente. Não tinha açúcar pra adoçar o café, mas a gente tinha o canavial no quintal. Ai cortava uma cana dessa, ia aonde moía cana e temperava o café com caldo de cana. Hoje nem fa-

zem mais caso daquela cana ali (Depoimento de Heriberto FREITAS, 2011).

Essa narrativa demonstra o conhecimento e a consciência do significado de plantar, colher, fazer e do cuidado com o processo alimentar, uma sabedoria resultante do elo estabelecido entre essas pessoas e seus ambientes (ecossistemas) imediatos, em uma troca constante entre esses habitantes e “suas naturezas”, indica que havia uma contribuição efetiva à sustentabilidade local. Diferente dos dias atuais, em que predomina uma relação dualista ser humano natureza, que contribui para a sua desvalorização e depredação. O depoimento de seu Hilberto traz indicativos neste sentido:

Daqui de onde nós estamos falando, que é um pouquinho distante do centro de Colares, uns trezentos metros, já aparecem com frequência gato maracajá, onça, inclusive, até já comeu vários animais aqui do quintal e se sabe que foi esse animal. Agora por que? Por que estão mexendo no território deles, tão cada vez mais desmatando, vendendo madeira, um crime e até mesmo às vezes agente vê regido por pessoas que tem um bom nível cultural, isso que é, não dá pra acreditar, mas é verdade. Pessoas que sabem que isso tudo faz mal, são as pessoas que lideram e deixam fazer, é impressionante! não sei que tal Colares ainda sobrevive, sobrevive por que eu acho que Deus quer que sobreviva, mas falta o ser humano ter mais cuidado, né? (Hilberto FREITAS, 2011).

A forma como esses antigos moradores do município de Colares desenvolviam suas estratégias alimentares, podem ser inscritas nas reflexões de SILVA; TAVARES (2009), para quem os saberes existentes na Amazônia são orientadas por práticas cotidianas, que contém códigos culturais que se traduzem em variedades de benefícios ambientais.

De acordo com o pensamento de LEFF (2009), esta é uma experiência que comprova a complexidade que este tipo de processo histórico possui, do qual decorre outra série de conhecimentos tradicionais de natureza sustentável, ao entorno natural onde a formação social que este tipo de comunidade se desenvolve.

O estudo das práticas educativas da produção alimentar, desenvolvida por grupos sociais de Colares, pode ser um contributo histórico para a sustentabilidade, pode se constituir num modelo de construção daquilo que LEFF (2009) denomina de padrão tecnológico mais adequado de aproveitamento do potencial produtivo dos ecossistemas. Este processo temporal da produção alimentar demonstrou que este conhecimento propiciava uma prática de sustentabilidade, por meio de hábitos culturais que orientavam a organização da produção, neste caso alimentar.

Dessa forma, a natureza significada por uma biodiversidade de sentidos e saberes locais, estava ancorada numa perspectiva

que buscava dar sustentabilidade para o modo de vida local, por meio de sua (re) apropriação social, mas, a “chegada do estranho”, passou a imprimir formas diferenciadas de se relacionar com a natureza e seus recursos, que deixaram marcas que tem comprometido a dinâmica e modo de vida local.

Bom... Em parte a gente desmata sabe aqui pelo menos cê vê hoje em dia, tá tudo desmatado aí, mas não foi por nós não. Olha inclusive no ano retrasado teve um... um filho de Deus, assim que eu vou dizer que eu não sei qual era o objetivo dele, ele tacou fogo no mato do nosso vizinho, lá do outro lado. Ele [o fogo] veio invadiu esse mato todinho, o verão tava muito forte. Tacou fogo de maldade no sítio do rapaz, por exemplo, eu perdi aqui 11 árvore de uxí, perdi mais de 50 árvore de cupu pra lí, o fogo invadiu matou muita madeira aqui nesses mato, só era uma área de preservação, adonde tem alguns jabutis, algumas caça que tinha. Invadiu esse mato todinho, do outro vizinho nosso aqui, do outro lado aqui, queimou um mapiário dele, o rapaz conservando o mato dele, fez até um mapiário, botou algumas abelha lá pra preservar, num tava derrubando nem nada, é... açaiçal tudo foi embora.

O mundo colarense foi reordenado, porque parte do seu mundo ecológico foi destruído, por disputas territoriais, formas diferenciadas de apropriação e uso de recursos naturais, com registro de alguns conflitos, que decorrem de outra racio-

nalidade que não mais a ecológica. Esse reordenamento afetou não só os recursos territorializados, como também práticas culturais. A natureza de seu Móises foi ressignificada, outros sentidos lhe foram atribuídos, como por exemplo, o lugar de práticas turísticas.

É muito caranguejo é tudo o que na parte da alimentação que Deus deixou pra nós, é mina. Porque você olhe a quantidade de pescadores que tem nesse Amazonas, nesse oceano aí. Cada barco com oitocentos mil braças de rede, oito mil, três mil, quatro mil, cinco mil. Agora veja bem, e todos pegam peixe e quantidade de peixe. A tainha, por exemplo, então não falha. Ela falha, mas no tempo que ela desova. Uma tainha desovando. Eu tenho bem certeza, mas conversando com um cientista, ele disse que uma tainha desovando dá até três mil e seiscentos peixinhos. Agora nem tudo se cria, mas que se crie três mil peixe. É muito peixe. Então não acaba (Heriberto FREITAS, 2011).

A sociedade era ao mesmo tempo, criadora das técnicas utilizadas, comandantes dos tempos sociais e dos limites de sua utilização (SANTOS, 2012, p. 236). Essa utilização também perpassava/perpassa pela propriedade de conhecimento do pescador sobre a dinâmica e reprodução dos peixes. Ou seja, demonstra o conhecimento empírico sobre os peixes, que esses antigos moradores dominam. De acordo com (FONSECA, 2011), esse tipo de conhecimento está relacionado à com-

preensão que os seres humanos fazem a respeito dos ecossistemas aquáticos e aos saberes que neles interagem. Trata-se de um conhecimento com capacidade de garantir a reprodução social e simbólica porque pautados em práticas educativas ambientais e saberes locais que precisam ser fortalecidos e valorizados.

Algumas conclusões

As análises mostram no decorrer do texto os fortes vínculos culturais dos grupos sociais com seus ecossistemas locais, as formas como os recursos da natureza direcionaram e ainda direcionam os modos de vida dos colarenses. A facilidade de acesso, apropriação e uso, orientava e ainda orienta a relação que os moradores mantinham e mantêm com o ambiente natural. É por meio dessa relação que percebem que a biodiversidade local não está sendo apropriada de forma degradante.

Na Ilha a prática de múltiplas atividades por uma pessoa ou grupo familiar configura-se na denominada pluriatividade, tão frequente nos grupos domésticos rurais-ribeirinhos, que SCHNEIDER (2003) denominou de “o fenômeno da pluriatividade” nas unidades familiares.

Nas narrativas dos diversos sujeitos entrevistados foi possível perceber a menção

de várias atividades que são exercidas como prática social complementar e/ou em períodos alternativos à pesca. Trata-se de estratégias que famílias usam para garantir a reprodução social em tempos adversos à prática da pescaria. Historicamente, sabe-se que grupos domésticos rurais-ribeirinhos têm construído formas de organização social pautados por saberes técnicos, culturais e sociais que garantem seus modos de vida, e que estão para além da relação que estabelecem culturalmente com o ambiente natural, e que conformam relações sociais de produção pautadas por outras lógicas, incluindo aquelas que orientam a dinâmica do mercado de trabalho não rural, como é o caso das atividades de carpintaria, de pedreiro.

Dessa forma, os resultados do estudo indicam problemas sérios de acesso aos serviços de saúde e abastecimento de rede de água e esgoto, prevalecendo o uso de poços artesianos para o abastecimento dos domicílios; preocupação com a manutenção de boas condições ambientais, uma vez que não foi observado acúmulo de lixo nas trilhas, terrenos e casas; um vasto conhecimento de usos de plantas e ervas medicinais, assim como relatos de lendas e encantados relacionados à mata e à água, que representam uma diversidade de práticas culturais que asseguram seus modos de vida e costumes.

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do humano – Compaixão pela terra, 14 ed. Ed. Vozes, 2008.
- CARVALHO, Izabel C. M. Desenvolvimento sustentável. 4 ed. RJ. Petrópolis. Vozes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber, 8 ed. RJ. Forense Universitária, 2012.
- FONSECA, MARIA de J. Ferreira & NAKAYAMA, Luisa. Narrativas para ensinar-aprender a Amazônia: Uma contribuição à Educação ambiental em contextos educacionais diversos. rev. Sorocaba, SP, v. 36, p. 143-153, dez. 2010.
- FONSECA, MARIA de J. Ferreira & NAKAYAMA, Luisa. O conhecimento etnoecológico dos pescadores Yudjá, Terra Indígena Paquiçamba, volta Grande do Rio Xingu, PA. Ver. Tellus, ano 11, n 21, p. 123-147, jul./dez. 2011. Campo Grande, MS.
- GEERTZ C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos; 1989.
- GEERTZ C. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Rio de Janeiro (RJ): Vozes; 1997.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. Saberes Ambientais: Desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte. Ed UFMG, 2008.
- JACOB, Pedro. Reflexões sobre o consumo responsável. In Le Monde Diplomatic. São Paulo, Instituto Paulo Freire, 2008.
- LEFF, Enrique: O Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Petrópolis. 8 ed. Coleção Educação Ambiental. Vozes, 2009.
- LEFF, Enrique: Discursos sustentáveis. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2010.
- LEFF, Enrique: Epistemologia Ambiental, 5 ed. São Paulo, Ed. Cortez, 2007
- LEFF, Enrique: Ecologia, Capital e Cultura: A territorialização da racionalidade ambiental. RJ, Petrópolis, Vozes, 2009.
- MORIN, Edgar. Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar. Participação de Marcos Terena locais. RJ, Gramond, 2010
- PELIZZOLI, Marcelo. Correntes da ética ambiental. 3 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs) . São paulo: Cortez.

QUIJANO, Aníbal. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo. EDUSP, 2012.

SILVA. Maria das Graças da & TAVARES. Maria Goretti. Saberes Locais e Manejo Sustentável dos Recursos da Floresta. III Encontro da ANPPAS. MAIO DE 2006. DF.

SILVA. Maria das Graças da. Práticas educativas Ambientais, Saberes e Modos de Vida locais. Ver. Cocar, vol. 01, jan/jun, 2007.